

nas o som dos sinos da igreja vizinha mas também, segundo Gaspar Simões, a voz dos cantores e a música da orquestra da ópera, ainda mais próxima. Esse ambiente resguardado, em sintonia com a sensibilidade excepcional da criança, a harmonia que, ao que parece, reinava no lar, a relação apaixonada que tinha com a mãe, tudo lhe deixou, de forma indelével, a idéia do que é um lar. Os cinco primeiros anos de vida foram os únicos em que não se sentiu estrangeiro na terra. Estas palavras de Saint-Exupéry: "Sou de minha infância como de um país" a ninguém se aplicam melhor do que a ele.

A infância é, antes de mais nada, o estado em si do pequeno ser ainda indiferenciado e contudo já condicionado pelas circunstâncias do nascimento, entregue às influências, à impregnação do meio e das presenças próximas, num casulo de afetividade de que sairá armado para a vida ou desarmado, com uma personalidade fortemente estruturada ou com um eu que se dispersa. Os primeiros anos da infância de Pessoa lembram os de Proust, com a boa fada materna curvada sobre o berço, com o beijo antes de ir para a cama, os amuos e as reconciliações. Aquele que na idade adulta se sentirá, aceitando-o, totalmente privado de amor conheceu manifestamente àquela altura a paixão partilhada. Demonstram-no inúmeras peças em verso e em prosa, escritas em todas as fases da vida. Delas poderíamos fazer uma antologia do amor filial, totalmente realizado e, depois, frustrado. O primeiro poema, "à minha querida Mamã", escrito quando Pessoa tinha sete anos, encontra eco no último, escrito em francês alguns meses antes de ele morrer, e também dirigido à "maman" por este que continua a ser "ton enfant / Devenu grand / Et plein de larmes et de doutes". Então a perda fazia dez anos.

Amando loucamente a mãe, o pequeno Fernando, ao que tudo indica, ama também o pai, conquanto de forma mais distanciada, mais equilibrada. É mais parecido com o pai do que com a mãe, física e moralmente. Vai sentir muitas vezes em si, como Michaux, "passagens" do pai. O pai, simples funcionário, crítico de música de um jornal, não se realizou inteiramente; era, contudo, homem inteligente, culto, sensível à beleza. É-lhe indubitavelmente o modelo. Mas é a mãe que lhe serve de auxílio e refúgio. Poder-se-ia dizer que do pai lhe veio o espírito de "desassossego" que irá inspirar o essencial de sua obra. Mas foi da mãe que herdou a posse firme do utensílio verbal que lhe vai permitir exprimi-lo com incomparável força. Segundo

todas as testemunhas, Maria Madalena tinha dons excepcionais. Tivera, dizia-se, uma educação de rapaz: sabia latim e alemão, falava e escrevia perfeitamente inglês e francês. Tinha vasta cultura literária, musical e artística. E também escrevia poemas. Havia outra mulher com pretensões literárias na família: Maria Xavier Pinheiro da Cunha, tia de Maria Madalena (irmã da mãe). Também ela escrevia poemas, melhores que os da sobrinha. Iria ter muita influência sobre Fernando, cuja vocação poética despertaria cedo.

Ao que parece, ele viu no espírito de desassossego do lado paterno a marca de sua ascendência judaica. Considera-se produto de uma "mistura de judeus e de fidalgos". Um dos antepassados judeus é bem conhecido: Sancho Pessoa. "Cristão-novo", ou seja, de família judaica convertida à força por ordem do rei D. Manuel I em fins do século XV, sob pena de expulsão, foi Sancho condenado pela Inquisição, em 1706, a severa pena por crime de "judaísmo" (prática clandestina do culto israelita). O mais ilustre dos fidalgos é o capitão José Araújo e Sousa, que deu à família Pessoa seu brasão, cujo escudo de armas o próprio poeta iria desenhar com orgulho.

As duas famílias, a paterna e a materna, que legaram ao rebento diversos traços de caráter, provinham de horizontes igualmente diversos. Os Pessoas espalharam-se, ao longo das gerações, de norte a sul de Portugal, e acabaram por se fixar em Tavira, no Algarve, conquanto oriundos da região de Coimbra. Permaneceram continentais. Já a família materna, os Nogueiras, é insular, com os traços específicos que isso implica: imaginemos corsos ou sicilianos atlânticos. Os antepassados de Maria Madalena tinham-se fixado havia muito nos Açores, nas duas ilhas principais do arquipélago, Terceira e São Miguel. Pertenciam às classes dirigentes: proprietários imobiliários, magistrados, altos funcionários. O avô, Luís António Nogueira, culminou a carreira com importante posto na metrópole. A própria Maria Madalena, segundo dizem, conviveu na infância com o príncipe herdeiro; tinham aulas juntos. O filho nunca se sentiu verdadeiramente homem do povo.

Em geral, os portugueses usam pelo menos dois sobrenomes, um dos quais é amiúde precedido da partícula expletiva "de", que não indica nobreza. O sobrenome da mãe precede ao do pai. Assim, o pai de Fernando chamava-se Joaquim de Seabra Pessoa. O nome de solteira da mãe era Maria Madalena Pinheiro Nogueira, a que acrescen-